

OVÍDIO (2011). *AMORES E ARTE DE AMAR*. TRADUÇÃO DE CARLOS ASCENDO ANDRÉ, PREFÁCIO E APÊNDICE DE PETER GREEN. SÃO PAULO, PENGUIN/CIA DAS LETRAS. 560 P.

Pedro Paulo A. Funari*

* Professor titular do Departamento de História e Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Unicamp.

FUNARI, P. P. A. (2013). Resenha. OVÍDIO (2011) *Amores e Arte de Amar*. Tradução de Carlos Ascendo André, prefácio e apêndice de Peter Green. São Paulo, Penguin/Cia das Letras, 560 p., *Archai*, n. 11, jul-dez, p. 159-160.

A editora Companhia das Letras lançou uma série de livros, associada à Penguin, voltada para a divulgação, em formato de bolso, de obras clássicas. Essas edições contam com traduções dos originais em latim ou grego por estudiosos lusófonos e com a versão para o nosso idioma de prefácio, apêndices e notas dos estudiosos anglófonos da versão inglesa de origem. Essa iniciativa deve ser saudada, pois contribui para a maior divulgação dos autores antigos, algo já em curso em iniciativas de diversas outras casas editoriais que têm publicado, nas últimas décadas, um número crescente de obras. Isto demonstra a popularidade cada vez mais sentida da Antiguidade clássica e o interesse sempre em aumento pelos antigos.

Os *Amores e Arte de Amar* de Ovídio foram traduzidos pelo classicista coimbrão Carlos Ascendo André, com adaptação para o português brasileiro a cargo de Carlos Minchillo e com a grafia adotada no Brasil em 2009. O estudioso luso também escreveu introduções a ambas as obras, de forma a complementar o prefácio britânico original. Esta apresenta ao leitor a vida e a obra de Ovídio e o faz com posições fortes sobre os principais temas relativos ao personagem e obra. Distancia-se da interpretação difundida de um Ovídio, como outros poetas antigos, farsista literário e reforça, ao

contrário, a importância das experiências amorosas pessoais para a sua produção poética. Em seguida, reforça a interpretação política do autor, perseguido também por sua produção considerada subversiva por Augusto e seus amigos. Faltou uma revisão mais acurada da obra, na medida em que passaram lapsos (como “o *relegatio*”, quando a palavra é feminina, p. 36, ou *domnatio*, por *damnatio*, p. 423, “período helenista”, por “período helenístico”, p. 443, Varro por Varrão, p. 506). Também nas notas traduzidas do inglês há escorregões, como referir-se, à época romana, à Alemanha! O erro advém de traduzir *Germany* pelo país atual, quando o correto seria a antiga Germânia (p. 421). O leitor comum ficará perdido e uma revisão resolveria tais aporias.

Tais equívocos não aparecem no texto do classicista lusitano, claro. Ademais, as notas britânicas são longas e muito esclarecedoras (p. 395-559), enquanto as portuguesas são breves e mais circunscritas a esclarecimentos ao leitor comum. Green está preocupado em comentar e interpretar cada obra, assim como seus trechos e trocadilhos intraduzíveis, o que muito beneficia o leitor. Assim, a concisão do original latino não se consegue manter no vernáculo, ainda mais numa versão em poesia, mas Green procura, aqui e ali, mostrar como essa riqueza do latim é, ainda, recheada de sentidos que se perdem. Um exemplo bastará.

Arte de Amar, 398: *fructus abest, facies cum bona teste caret*. Traduzido por André por: Nenhum fruto se colhe quando a beleza de um rosto não tem testemunhas.

Mas, lembra Green, há duas traduções possíveis, no duplo sentido do original: “Um rosto

bonito, sem testemunhas, não obtém resultados” e “uma mulher bonita, se nunca faz sexo, não ficará grávida”!

Neste caso, são os sentidos das palavras *fructus* (fruto, resultado) e *testis* (testemunha e testículo), assim como do verbo *abest* (está presente, existe), que conformam um jogo de palavras intraduzível. Graças às notas de Green, contudo, diversos passos deste tipo são elucidados e tornam as duas mais fieis ao original.

Apesar da adaptação brasileira, a tradução mantém todo o sabor original lusitano e castiço, algo conveniente, ademais, por ser a tradução em versos. Abundam (termo recorrente na tradução) termos como “madraca”, “Canícula”, expressões no infinitivo (“a falar”), assim como o uso da segunda pessoa (“se rir, ri-te”) e das ênclises (“tornar-se-á mansa”, p. 318). Isso nos leva à questão da unidade do idioma português, pois apenas o leitor culto poderá haurir (outro termo erudito!) de forma plena o conteúdo vertido pelo coimbrão. Parece-me, contudo, que a despeito disso, traduções lusas como esta possam ser muito úteis e mesmo necessárias, até como uma contrapartida às escolhas correntes nas versões brasileiras. Estas, tampouco abandonam, muitas vezes, a linguagem erudita e mesmo cheia de neologismos etimológicos, como o faz a vertente ligada à transcrição de Haroldo de Campos. Por outro lado, pululam versões pedestres que servem a outros propósitos, não menos necessários ou válidos. Pode concluir-se, portanto, que esta nova série de clássicos deve ser muito bem recebida e que a edição de Ovídio contribui para incrementar, ainda mais, o interesse no grande poeta latino.

Recebido em abril de 2013 e aprovado em maio de 2013.